



# LIÇÃO 01

04 de Janeiro de 2025  
1º TRIMESTRE 2026  
ADULTOS

## O mistério da Santíssima Trindade

# Esboço Da Lição 01

## Do 1º Trimestre

## De 2026

Por Murilo Alencar

### DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

### SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

**É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.**



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

**A SANTÍSSIMA TRINDADE**  
*O Deus Único Revelado em Três Pessoas Eternas*

Domingo, 04 de janeiro 2025

**O Ministério da Santíssima Trindade**

Pb. Murilo Alencar <sup>1</sup>

**INTRODUÇÃO**

Neste trimestre, vamos estudar a doutrina bíblica da Santíssima Trindade, reconhecendo que ela é central à fé cristã. Para iniciar, tomaremos o batismo de Jesus como cenário-chave, pois ali as três Pessoas da Trindade se manifestam de modo simultâneo: o Filho é batizado, o Espírito desce sobre ele, e o Pai declara sua aprovação (Mt 3.13-17, NAA). Esse episódio nos ajuda a perceber, com clareza textual, tanto a distinção pessoal quanto a unidade divina. Por isso, nesta lição, veremos a revelação trinitária no batismo, a harmonia entre unidade e distinção, e, por fim, a relevância dessa verdade para adoração e para a vida cristã. Preparados? Vamos juntos aprender a Palavra de Deus.

**TEXTO ÁUREO**

Então uma voz dos céus disse: “Este é o meu Filho amado, em quem me agrado”. (Mt 3.17, NVI).

E do céu veio uma voz, que disse: — Este é o meu Filho querido, que me dá muita alegria! (Mt 3.17, NTLH).

Conta-se que Santo Agostinho andava em uma praia meditando sobre o mistério da Santíssima Trindade: um Deus em três pessoas distintas... sua mente estava fervilhando.

Enquanto caminhava, observou um menino que portava uma pequena tigela com água. A criança ia até o mar, trazia a água e derramava dentro de um pequeno buraco que havia feito. Após ver repetidas vezes o menino fazer a mesma coisa, resolveu interrogá-lo sobre o que pretendia. O menino, olhando-o, respondeu com simplicidade:

- Estou querendo colocar a água do mar neste buraco.

Santo Agostinho sorriu e respondeu-lhe:

- Mas você não percebe que é impossível?

O menino simplesmente o ignorou e continuou enchendo o buraco de água.

Todavia, no mesmo instante, uma voz falou no interior de Agostinho: é mais fácil a água do mar caber nesse pequeno buraco do que o mistério da Santíssima Trindade ser entendido por um homem!

---

<sup>1</sup> Graduado em teologia pela UniCesumar; Tecnólogo em coaching e desenvolvimento humano pela Unopar; pós-graduando em educação cristã e graduando em teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC); Presbítero na Assembleia de Deus em Pernambuco

**O mistério não é um problema a ser resolvido; é uma dádiva a ser recebida. É a dádiva do maravilhamento que nos leva à adoração, e da transcendência divina que nos leva à humildade.**

## VERDADE PRÁTICA

*A doutrina da Trindade é central à fé cristã: um só Deus em três Pessoas que coexistem e atuam harmoniosamente na Obra da Redenção.*

A doutrina da Trindade afirma que há um único Deus em três pessoas coeternas e coiguais: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. No entanto, para compreender melhor os aspectos dessa relação tripessoal, os teólogos distinguem entre Trindade Ontológica (ou Imanente) e Trindade Econômica. Importante: essa distinção não implica em duas Trindades distintas, mas em dois modos de considerar o mesmo Deus trino.

A Trindade ontológica refere-se ao ser eterno de Deus como Ele é em Si mesmo, independentemente da criação ou da história da redenção. Aqui o foco está na igualdade e na unidade essencial das três Pessoas divinas.

A Trindade econômica refere-se a como Deus se revela e opera na história da salvação, ou seja, nas ações distintas do Pai, do Filho e do Espírito Santo no mundo.

- Trindade Ontológica: Foco no SER eterno e essencial de Deus.
- Trindade Econômica: Foco na AÇÃO de Deus na história.

A Trindade econômica é a expressão temporal da Trindade eterna, e não uma invenção posterior ou uma forma inferior de divindade.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?  
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos  
Infográficos e fluxogramas?  
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio  
ao professor da EBD**

## 1. A REVELAÇÃO TRINITÁRIA NO BATISMO DE JESUS

Ideia central do ponto: Em Mt 3.13-17, a Trindade é mostrada de modo histórico e simultâneo, com papéis distintos, sem confusão de Pessoas.

### 1.1 O batismo do Filho: a obediência de Cristo.

**Ideia central:** Jesus não é batizado por necessidade de arrependimento, mas para cumprir “toda a justiça”, identificando-se com os que veio salvar e inaugurando publicamente sua missão redentora.

**O aluno deve sair sabendo:** por que Jesus se submeteu ao batismo e o que esse ato comunica sobre sua missão.

**A LIÇÃO DIZ:** *O batismo de Jesus é um gesto de identificação com a humanidade pecadora e uma atitude de obediência ao plano redentor do Pai. Esse é o início visível da missão messiânica, que culminaria na cruz (Fp 2.8).*

O batismo de Jesus é um evento de grande relevância no Novo Testamento. Ele é registrado pelos quatro evangelistas: Mateus (Mt 3.13-17, NAA), Marcos (Mc 1.9-11, NAA), Lucas (Lc 3.21-22, NAA) e João (Jo 1.29-34, NAA). Além disso, o apóstolo Paulo, ao tratar do batismo cristão, usa a linguagem de identificação com a morte e a ressurreição de Cristo, oferecendo um quadro teológico que se relaciona com a obra iniciada no ministério de Jesus (Rm 6.3-4, NAA). Isso mostra que o batismo de Jesus ocupou lugar destacado para os autores do Novo Testamento e para a igreja primitiva. Portanto, ele deve permanecer relevante para a igreja hoje, tanto para a compreensão do evangelho quanto para a formação da fé e da prática cristãs.

Olhando para o texto bíblico, percebemos que Mateus mostra, desde o início, que Jesus não chegou ao Jordão por acaso. Ele “veio da Galileia” com um propósito definido, a saber, ser batizado por João (Mt 3.13, NAA). Esse detalhe, portanto, revela que o batismo foi o marco inaugural do ministério de Jesus.

Além disso, a resistência de João confirma a singularidade do Filho: “Eu é que preciso ser batizado por você” (Mt 3.14, NAA). Com isso, João reconhece que o seu batismo está ligado ao arrependimento e, justamente por isso, percebe que Jesus não se enquadra nessa necessidade, pois ele não tem pecado (Hb 4.15, NAA). Dessa forma, o batismo de Jesus não deve ser explicado como uma confissão pública de pecados pessoais.

Em seguida, vem a frase-chave dessa passagem bíblica: “Deixe por enquanto, porque, assim, nos convém cumprir toda a justiça” (Mt 3.15, NAA). Aqui, “justiça” não significa “Jesus tornar-se justo”, como se lhe faltasse integridade moral; antes, no contexto, “cumprir toda a justiça” significa cumprir plenamente o que é devido diante de Deus. Em outras palavras, Jesus assume como obrigação aquilo que o Pai estabeleceu como caminho de início do seu ministério, de maneira que ele se submete, não por necessidade de purificação, mas por obediência filial e por fidelidade à missão que lhe foi confiada.

Por fim, essa obediência também tem caráter representativo, porque o Filho se coloca ao lado do povo que veio salvar e, ao fazê-lo, inaugura o caminho que culminará na cruz (Fp 2.8; 2Co 5.21, NAA). Desse modo, o batismo não apenas introduz publicamente o ministério de Cristo, mas também antecipa, em chave teológica, a lógica da sua missão: identificação solidária com pecadores e obediência perfeita ao Pai em favor deles.

## 1.2 A descida do Espírito: a unção para o Ministério.

**Ideia central:** O Espírito desce como sinal público de unção e capacitação messiânica, confirmando o início do ministério de Jesus, sem sugerir que ele “se tornou” Filho ali.

**O aluno deve sair sabendo:** o sentido da descida do Espírito como unção pública, e por que isso não pode ser entendido como a “adoção” do Filho.

**A LIÇÃO DIZ:** Logo após sair das águas, Jesus viu os céus se abrirem e o Espírito Santo desceu sobre Ele em forma corpórea como uma pomba (Mt 3.16; Mc 1.10; Lc 3.22; Jo 1.32). Essa manifestação visível indicava ser Ele o Messias prometido, o Cristo, literalmente “o Ungido” de Deus (Is 11.2; 42.1).

O Espírito Santo não é literalmente uma pomba. A afirmação pode soar estranha, mas, em sala de aula, às vezes é preciso declarar o óbvio. Certa vez, numa classe de discipulado, perguntei aos irmãos quem é o Espírito Santo e um aluno, recém-convertido, respondeu com toda sinceridade: “Ele é uma pomba”. Eu compreendi o que ele pretendia dizer. Além disso, rimos juntos, mas a resposta revelou algo importante: como novo na fé, ele havia interpretado e compreendido equivocadamente o relato do batismo de Jesus, no qual o Espírito Santo “desce sobre o Filho” em forma corpórea, “como pomba”. Em outras palavras, ele confundiu o símbolo com a Pessoa.

É nesse ponto que a explicação precisa ser bem encaminhada. O que o texto descreve é uma manifestação visível, isto é, o Espírito assumiu uma aparência perceptível aos olhos dos presentes, de modo que o evento pudesse ser reconhecido e testemunhado.

Por que, então, uma pomba? Porque ela é relacionada a pureza, mansidão e inocuidade. O próprio Jesus associa a pomba a um tipo de postura marcada por simplicidade e ausência de malícia: “sejam prudentes como as serpentes e simples como as pombas” (Mt 10.16). Dessa forma, a figura que acompanha o batismo de Cristo comunica algo sobre a natureza da unção que inaugura o seu ministério: o Espírito que repousa sobre ele é o Espírito de santidade, de retidão e de perfeita harmonia com a vontade do Pai. Logo, a “forma de pomba” não rebaixa o Espírito Santo a um símbolo, mas eleva o significado do acontecimento, porque marca, de maneira pública e inteligível, que o ministério de Jesus será conduzido sob a unção do Espírito em pureza, mansidão e poder santo, exatamente como convém ao Messias.

Além disso, Atos 10.38 declara que Deus “ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com poder” e, conseqüentemente, afirma que ele “andou por toda parte fazendo o bem e curando todos os oprimidos do diabo, porque Deus estava com ele” (At 10.38, NAA). Desse modo, é necessário compreender que os milagres, as operações poderosas, os sinais e as maravilhas, no ministério público de Jesus, se vinculam, a esse marco inaugural da sua unção. Em termos narrativos, Mateus aponta justamente para esse início no ato do batismo, quando o Filho é publicamente identificado e ungido para cumprir a sua missão.

Por isso, toda tentativa de localizar milagres na infância, adolescência ou juventude de Jesus, como se ele já estivesse realizando sinais antes do início do ministério público, repousa em informações extrabíblicas que, quando confrontadas com o testemunho das Escrituras, não apenas permanecem fora do texto inspirado, mas também se tornam contrárias ao seu sentido. Em outras palavras, não é somente uma questão de “não estar na Bíblia”, mas de sugerir uma dinâmica que não corresponde ao modo como os Evangelhos estruturam e interpretam a obra de Cristo.

Assim, relatos e ilustrações que afirmam que Jesus, ainda na carpintaria, fazia objetos surgirem do nada, fazia madeira crescer instantaneamente ou realizava prodígios cotidianos para facilitar o trabalho, pertencem ao campo da especulação e não ao da revelação. Do mesmo modo, narrativas provenientes de evangelhos apócrifos, como a ideia de que Jesus teria ressuscitado passarinhos ou amaldiçoado crianças para que morressem, não podem ser tratadas como extensão legítima da vida de Cristo. Pelo contrário, tais histórias, além de carecerem de autoridade canônica, entram em choque com o retrato bíblico.

A Bíblia é a norma do que afirmamos sobre a pessoa e a obra de Jesus. Onde o texto inspirado se cala, devemos nos calar também; e onde materiais extrabíblicos distorcem o caráter de Cristo ou desorganizam a lógica do seu ministério, nós devemos rejeitá-los. Desse modo, preservamos a integridade do relato bíblico e mantemos a atenção no que Deus, de fato, quis revelar acerca do seu Filho.

### 1.3 A voz do Pai: a aprovação celestial.

**Ideia central:** O Pai interpreta o evento, declara a identidade do Filho e aprova sua missão, conectando Jesus ao cumprimento das promessas messiânicas.

**O aluno deve sair sabendo:** o peso teológico da declaração do Pai e sua função de autenticar quem Jesus é e o que ele veio fazer.

**A LIÇÃO DIZ:** *Por fim, uma voz audível do céu proclama: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3.17; Lc 3.22; Mc 1.11). Trata-se de uma declaração solene e pública do Pai, que não apenas confirma a identidade messiânica, mas também a divindade de Jesus.*

A voz do Pai foi ouvida dos céus pronunciando bênção sobre Jesus. Foi um evento memorável porque a voz de Deus foi ouvida citando as Escrituras: “Este é o meu Filho amado (Sl 2.7), em quem me comprazo” (Is 42.1). Essa é uma das três ocasiões em que o Pai falou dos céus em reconhecimento satisfeito do seu Filho singular (as outras ocasiões são em Mt 17.5 e Jo 12.28).

Recapitulando, o batismo de Jesus teve três significados importantes: identificação, unção e aprovação.

- 1.3.1 Identificação é o ato pelo qual Jesus, embora sem pecado, colocou-se publicamente ao lado do povo pecador que veio salvar, assumindo seu lugar como representante e substituto. Jesus foi ao Jordão e insistiu em ser batizado afirmando que era necessário a fim de se “cumprisse toda a justiça” (Mt 3.13-15, NAA). Como João resistiu em batizá-lo por reconhecer que Ele não precisaria de arrependimento, a resposta de Cristo mostrou que seu batismo não foi confissão pública de pecados pessoais, mas o início do caminho obediente do Messias que carregaria o pecado de muitos (Is 53.6; 2Co 5.21, NAA). Portanto, o evangelho começa com Cristo assumindo nossa causa; por isso, a fé cristã é, antes de tudo, confiança na obra que ele realizou em nosso benefício (Rm 8.3, NAA).
- 1.3.2 Unção é o ato pelo qual o Espírito Santo consagrou e capacitou publicamente o Filho encarnado para o exercício de seu ministério messiânico. Ao sair Jesus da água, “o Espírito de Deus desceu como pomba e veio sobre ele” (Mt 3.16, NAA). Essa descida não significou que Jesus tenha passado a ser Filho naquele momento, pois as Escrituras já o apresentavam como o Filho prometido; antes, mostrou-se como sinal visível de sua investidura para a missão redentora, em conformidade com as promessas de que o Espírito repousaria sobre o Servo do Senhor e o Ungido de Deus (Is 42.1; Is 61.1; Lc 4.18, NAA). Portanto, destacamos que a obra redentora se desenvolveu no poder do Espírito e em obediência ao Pai. Logo, aprendemos que o serviço cristão, de igual modo, deve ser realizado na dependência do Espírito e em obediência ao Pai (Ef 5.18, NAA).
- 1.3.3 Aprovação é o ato pelo qual o Pai autenticou publicamente a identidade do Filho e declarou seu pleno agrado na missão que ele iniciava naquele momento. Uma voz dos céus afirmou: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mt 3.17, NAA), conectando Jesus ao Rei prometido e ao Servo em quem Deus se deleitou (Sl 2.7; Is 42.1, NAA).

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?  
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos  
Infográficos e fluxogramas?  
Aperte agora mesmo [aqui](#) para conhecer a maior plataforma de auxílio  
ao professor da EBD**

## 2. A DISTINÇÃO E A UNIDADE DAS PESSOAS DIVINAS

Ideia central do ponto: A Bíblia sustenta simultaneamente unidade divina e distinção pessoal; a linguagem teológica organiza esses dados para proteger o evangelho de distorções heréticas.

## 2.1 Unidade e distinção pessoal.

**Ideia central:** Um só Deus em essência; três Pessoas distintas que cooperam na redenção com atribuições reconhecíveis: o Pai planeja, o Filho realiza, o Espírito aplica.

**O aluno deve sair sabendo:** a diferença entre unidade de essência e distinção de Pessoas, e como isso aparece na obra da salvação.

**A LIÇÃO DIZ:** *A doutrina da Trindade afirma que Deus é uma só essência (gr. ousia), mas subsiste em três Pessoas distintas (gr. hipóstases). A Obra da Redenção, por exemplo, é trinitária em sua essência: o Pai planeja e elege (Ef 1.4); o Filho executa a obra expiatória (Jo 3.16; Hb 9.12); e o Espírito aplica os benefícios da salvação (Tt 3.5; Rm 8.16). Assim, a unidade divina, longe de contradizer a Trindade, é enriquecida por ela, revelando um Deus que é, ao mesmo tempo, uno em essência e Triúno em Pessoa.*

A doutrina da Trindade afirma que, dentro do único Ser que é Deus, existem eternamente três Pessoas coiguais e coeternas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Essa doutrina ensina que o Pai não é o Filho, o Filho não é o Espírito e o Espírito não é o Pai; contudo, cada um deles é Deus, compartilhando plenamente a mesma e única natureza divina.

Para expor, de modo fiel e claro, a unidade e a trindade de Deus, é necessário distinguir entre o “Ser” de Deus (o que ele é) e as “Pessoas” de Deus (quem ele é).

2.1.1 A unidade de Deus. A unidade divina se refere ao monoteísmo bíblico: há um só Deus verdadeiro e eterno.

2.1.1.1 Uma só essência: no Ser divino há apenas uma essência indivisível (ousia, essentia). Deus não é dividido em partes; o Pai, o Filho e o Espírito Santo não são “fatias” de Deus. Antes, cada Pessoa possui a plenitude da essência divina.

2.1.1.2 Identidade do Ser: Deus é uma substância ou essência imutável, e essa substância não é dividida entre as Pessoas. Agostinho enfatiza que Pai, Filho e Espírito Santo constituem uma unidade divina pela inseparável igualdade de uma única e mesma substância.

2.1.1.3 Inseparabilidade: as três Pessoas são inseparáveis em seu Ser e, conseqüentemente, operam inseparavelmente. Não há três deuses, mas um só Deus.

2.1.2 A trindade de Deus. A trindade se refere à distinção entre as três Pessoas dentro dessa unidade de essência.

2.1.2.1 Distinção de Pessoas: existem três subsistências pessoais: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. “Pessoa”, aqui, não significa um ser individual separado (como três seres humanos), o que resultaria em triteísmo. Em vez disso, descreve distinções de relacionamento e subsistência dentro do único Ser divino.

2.1.3 Elementos essenciais Doutrina da Trindade:

- 2.1.3.1 A unidade de Deus. Deus é um só. O monoteísmo é inegociável: não são “vários deuses unidos”, mas um único Deus verdadeiro.
- 2.1.3.2 A plena divindade das três pessoas. Pai, Filho e Espírito Santo são igualmente Deus. Nenhum é “menos divino” que o outro; todos possuem a mesma natureza divina.
- 2.1.3.3 Unicidade e trindade em aspectos distintos. Deus é um quanto à essência e três quanto às pessoas. Não há contradição real, porque “um” e “três” se referem a aspectos diferentes do ser de Deus.
- 2.1.3.4 A eternidade da Trindade. Sempre existiram Pai, Filho e Espírito Santo. Nenhum começou a existir nem se tornou divino em algum momento: o Deus trino é eternamente o mesmo.
- 2.1.3.5 Subordinação funcional, não ontológica. Às vezes, uma das pessoas assume um papel subordinado (por exemplo, o Filho na encarnação), mas isso é apenas de função, não de essência.
- 2.1.3.6 Mistério e incompreensibilidade da Trindade. A Trindade nunca será plenamente compreendida por nós. Ela é um mistério que ultrapassa a nossa razão finita.

## 2.2. A Pluralidade na Unidade no Antigo Testamento.

**Ideia central:** O AT mantém o monoteísmo e apresenta indícios de pluralidade interna; esses textos preparam o terreno, mas não explicitam a doutrina como o NT.

**O aluno deve sair sabendo:** como usar Gn 1.26; Is 6.8 e afins com equilíbrio: como ecos preparatórios da doutrina da Trindade.

**A LIÇÃO DIZ:** *O Antigo Testamento aponta para uma pluralidade dentro da unidade divina. O nome hebraico Elohim, plural de Eloah, é utilizado para designar o Deus único de Israel: “No princípio, criou Deus (Elohim) os céus e a terra” (Gn 1.1). No texto, o sujeito (Deus) está no plural, enquanto o verbo “criou” (bara) está no singular, indicando uma pluralidade pessoal em uma única essência divina. Essa estrutura gramatical incomum reaparece em outros textos bíblicos (cf. Gn 1.26; 3.22; 11.7; Is 6.8). Essas passagens evidenciam que o monoteísmo do AT não nega a Trindade, mas admite pluralidade interna na divindade.*

A Trindade no Antigo Testamento pode ser abordada da seguinte maneira: embora a doutrina não esteja ali explicitamente formulada, ela se encontra revelada de modo oculto e constitui um fundamento essencial, sem o qual a plena doutrina cristã de Deus não se sustentaria. Por conseguinte, para analisar a questão sob lentes veterotestamentárias, convém observar alguns pontos principais.

- 2.2.1 A criação e a pluralidade divina em Gênesis. O relato da criação apresenta Deus como um ser relacional. Nota-se a distinção entre Deus que cria, o Espírito de Deus que paira sobre as águas e o discurso de Deus, isto é, a Palavra mediante a qual a ordem criadora é emitida. Além disso, a deliberação no plural em Gênesis 1.26, “Façamos o homem à nossa imagem”, sugere uma pluralidade no ser divino. Ainda que os leitores originais não necessariamente entendessem essa pluralidade como uma formulação trinitária, à luz do Novo Testamento, essas pistas podem ser reconhecidas como sinais antecipatórios da triunidade.

- 2.2.2 O Anjo do Senhor e as teofanias. A análise passa, então, pelas aparições do “Anjo do Senhor”, que, em diversos textos, é identificado com o próprio Deus e, ao mesmo tempo, se apresenta distinto dele. Isso aparece, por exemplo, em episódios como a aparição a Hagar e a Moisés na sarça ardente, nos quais o anjo fala e age com autoridade divina. De modo semelhante, a visita dos três homens a Abraão, em Gênesis 18, apresenta uma justaposição intrigante entre homens, anjos e o Senhor, produzindo uma espécie de “oscilação” narrativa que desafia uma noção de singularidade simples e sugere que o Deus único se manifesta de maneira mais complexa do que uma leitura estritamente unipessoal poderia supor.
- 2.2.3 Distinções dentro da divindade. Além disso, há passagens nas quais Yahweh se dirige a outro “Senhor” como agente distinto, o que indica diálogo e interação no interior da divindade. Exemplos clássicos incluem o Salmo 110.1, “Disse o Senhor ao meu Senhor”, e o Salmo 45.6–7, “O teu trono, ó Deus... por isso Deus, o teu Deus, te ungiu”. Mais tarde, a exegese cristã leria tais textos como indícios de relações pessoais no seio do único Deus, isto é, como linguagem compatível com a comunhão intratrinitária.
- 2.2.4 O contexto do monoteísmo rigoroso. Por fim, todas essas indicações de pluralidade se encontram dentro de um monoteísmo estrito, expresso, por exemplo, em Deuteronômio 6.4. Esse contexto é decisivo, pois o Antigo Testamento combate o politeísmo pagão e não pretende sugerir múltiplos deuses. Assim, as distinções internas não fragmentam a unidade divina; antes, preservando o monoteísmo, elas preparam o caminho para a revelação posterior de que o Deus único é, em si mesmo, inerentemente relacional.

Em suma, sob lentes veterotestamentárias, a Trindade não aparece como uma doutrina já acabada e sistematizada; contudo, ela se faz presente como semente, por meio de categorias, padrões narrativos e alusões que seriam plenamente desvelados com a vinda de Cristo e com a iluminação interpretativa do Novo Testamento.

### 2.3 A Trindade Explicitada no Novo Testamento.

**Ideia central:** O NT articula de forma clara o padrão triádico: um “nome” e três Pessoas (Mt 28.19), além de fórmulas de bênção e salvação que coordenam Pai, Filho e Espírito.

**O aluno deve sair sabendo:** por que Mt 28.19; 2Co 13.13; 1Pe 1.2; Ef 4.4-6 são textos-chave para a apresentação trinitária.

**A LIÇÃO DIZ:** *A Trindade não é vista como três deuses, mas como três Pessoas em um único Deus. Por exemplo, na fórmula batismal “batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mt 28.19); o substantivo singular “nome” (Gr. ónoma), indica uma só essência, seguida por três Pessoas distintas. O mesmo ocorre na bênção apostólica “a graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com vós todos” (2Co 13.13); esse texto associa as três Pessoas de modo equitativo. Ainda, as Escrituras afirmam que fomos “eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo” (1Pe 1.2); aqui a participação das três Pessoas divinas na obra da salvação é nitidamente evidenciada. E Paulo acrescenta “há um só corpo e um só Espírito... um só Senhor... um só Deus*

e Pai de todos” (Ef 4.4-6); essa tríade (Espírito, Senhor, e Deus Pai) reflete obviamente a estrutura trinitária da divindade.

O que muda, então, no Novo Testamento para que a flor trinitária desabroche em toda sua beleza? Algo inédito, grandioso em proporções cósmicas e impactante em todos os níveis da realidade acontece. Deus nasceu entre nós. Uma das pessoas divinas se fez homem. O Filho eterno se tornou Jesus, o Cristo. É a partir desse evento e do posterior envio do Espírito Santo, que Deus começou a se revelar claramente como Trindade.

**QUADRO COMPARATIVO:  
ANTIGO TESTAMENTO vs. NOVO TESTAMENTO**

ANTIGO TESTAMENTO	NOVO TESTAMENTO
Realidade oculta	Realidade revelada indiretamente
Vestígios da Trindade	Ações e padrões trinitários
Podemos enxergar a unidade de Deus e indícios de alguma pluralidade	Podemos enxergar mais sobre a unidade de Deus e entender sua pluralidade trinitária

Precisamos distinguir a Trindade da Doutrina da Trindade. A Trindade refere-se a quem Deus é eternamente, independentemente da compreensão humana. Deus não se tornou Trindade quando a igreja escreveu o Credo de Niceia; Ele sempre foi Pai, Filho e Espírito Santo.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?  
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos  
Infográficos e fluxogramas?  
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio  
ao professor da EBD**

### 3. A RELEVÂNCIA DA TRINDADE PARA A FÉ CRISTÃ

**Ideia central do ponto:** A Trindade é indispensável porque define quem é o Deus do evangelho e preserva a integridade da salvação anunciada nas Escrituras.

#### 3.1 Desenvolvimento doutrinário da Trindade.

**Ideia central:** A igreja formulou com precisão, nos primeiros séculos, o que a Escritura já ensinava, para responder a erros e guardar a fé apostólica (Niceia e Constantinopla).

**O aluno deve sair sabendo:** por que houve concílios e termos técnicos, e qual problema eles buscavam corrigir.

**A LIÇÃO DIZ:** *A doutrina da Trindade não é uma elaboração tardia da fé cristã, ela emerge das Escrituras como a revelação progressiva do Deus vivo (Dt 6.4; Mc 12.29; Rm 1.3,4; Is 7.14; Jo 16.13; 2Co 3.17). Sua plena compreensão foi definida nos primeiros séculos da Igreja. O Concílio de Niceia (325 d.C.) proclamou que o Filho é “da mesma substância” (gr. homoousios) do Pai, condenando a ideia de que Ele fosse uma criatura exaltada. O Concílio de Constantinopla (381 d.C.) completou a formulação trinitária ao afirmar a divindade do Espírito Santo. Desde os primeiros séculos, estudiosos da fé cristã têm ensinado a perfeita unidade em Deus, sem confundir a identidade de cada Pessoa divina.*

Tratando sobre os credos ecumênicos a “Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil” comenta que:

Os credos considerados universais são conhecidos como “*credos ecumênicos*”, visto que a sua aceitação é ampla e não se restringe a uma ou outra região. Os principais são o *Credo dos Apóstolos*, século II; o *Credo Niceno* [325 d.C]; o *Credo Niceno-Constantinopolitano* [381 d.C]; o *Credo de Calcedônia* [451 d.C]; e o *Credo de Atanásio* [cerca do ano 500]. Esses credos são geralmente aceitos por católicos romanos, ortodoxos gregos e protestantes, pois seu conteúdo é comum [*οἰκουμένη – oikouménē*] às principais religiões que ostentam a bandeira de Cristo. As seitas ou grupos religiosos heterodoxos rejeitam esses credos. (SOARES [Org.], 2017, p. 16, *colchetes, grifo e destaque nosso*).

### O credo dos apóstolos (Séc II d.C):

Creio em Deus Pai Todo-poderoso, Criador do céu e da terra. E em Jesus Cristo, seu Filho Unigênito, nosso Senhor; que foi concebido pelo *Espírito Santo*, nasceu da virgem Maria; sofreu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto, e sepultado, e desceu ao Hades; e ressuscitou da morte ao terceiro dia; que subiu ao Céu, e está sentado à mão direita de Deus, o Pai Todo-poderoso; de onde há de vir para julgar os vivos e os mortos. *Creio no Espírito Santo*; na santa Igreja cristã, na comunhão dos santos; na remissão dos pecados; na ressurreição da carne; e na vida eterna (SOARES [Org.], 2017, p. 217).

### O credo Niceno (325 d.C):

Creemos em um só Deus, Pai Onipotente, Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis. E em um só Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, o Unigênito do Pai, que é da substância do Pai, Deus de Deus, Luz de Luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, gerado, não feito, *de uma só substância* [ὁμοούσιος - homooúsios “ὁμός - homos” “um” e “οὐσίος - ousios”] “substância ou essência”] com o Pai, por meio de quem todas as coisas vieram a existir, as coisas que estão no céu e as coisas que estão na terra, que por nós, homens, e por nossa salvação desceu e foi feito carne, e se fez homem, sofreu, e ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos céus, e virá para julgar os vivos e os mortos. *E também no Espírito Santo*. Mas aqueles que dizem: “Houve um tempo quando ele não era”; e “Ele não era antes de ter nascido”; e “Ele foi feito do que não existe”, ou “Ele é de outra substância” ou “essência”, ou “O Filho de Deus é criado”, ou “mutável”, ou “alternável” — eles são condenados pela Igreja cristã e apostólica.

### O credo Niceno-Constantinopolitano (381 d.C):

Creemos em um só DEUS, O PAI Todo-poderoso, criador do céu e da terra, de todas as coisas, visíveis e invisíveis. E em um só Senhor JESUS CRISTO, o Filho Unigênito de Deus, o gerado do Pai antes de todos os séculos, Deus de Deus, Luz de Luz, Verdadeiro Deus de Verdadeiro Deus, gerado e não feito, da mesma substância do Pai, por meio do qual todas as coisas vieram a ser; o qual, por nós, os homens e pela nossa salvação desceu dos céus e encarnou-se do Espírito Santo e da Virgem Maria, e fez-se homem e foi por nós crucificado sob Pôncio Pilatos, e padeceu, e foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e subiu aos céus e está sentado à direita do Pai, e virá de novo, com glória a julgar vivos e mortos; e o seu Reino não terá fim. E no ESPÍRITO SANTO, o Senhor e Vivificador, o que procede do Pai e do Filho, *o que juntamente com o Pai e o Filho é adorado e glorificado*, o que falou por meio dos profetas; E numa só Igreja santa, cristã e apostólica. Confessamos um só batismo, para remissão dos pecados, esperamos a ressurreição dos mortos e a vida do século vindouro. Amém.

Como é possível chegar as formulações estabelecidas nesses credos? Como é possível sistematizar a doutrina da Trindade? Existem quatro tipos de texto que, quando lidos juntos, formam uma consciência trinitária no leitor:

1. textos que afirmam um único Deus;
2. textos que afirmam a divindade de Pai, Filho e Espírito Santo como pessoas distintas;
3. textos que mostram as relações trinitárias;
4. textos que mostram as três pessoas juntas com mesmo status.

### 3.2 Implicações doutrinárias.

**Ideia central:** Negar ou deformar a Trindade gera leituras que corrompem o monoteísmo bíblico ou a identidade do Filho e do Espírito, afetando diretamente a compreensão do evangelho.

**O aluno deve sair sabendo:** identificar triteísmo, unitarismo e modalismo de forma simples e entender por que Mt 3.16-17 confronta o modalismo.

**A LIÇÃO DIZ:** *A negação da Trindade resultou em heresias. O triteísmo (crença em três deuses separados) viola a unidade de Deus, pois a Bíblia revela a existência de “um só Deus” (1Co 8.6). O unitarismo afirma que somente o Pai é Deus, negando a divindade de Cristo e do Espírito Santo, contrariando as Escrituras que ensinam a divindade de ambos (Jo 1.1; At 5.3,4). O unicismo (ou modalismo), ensina que Deus se manifesta em três formas sucessivas, porém, no batismo de Jesus está claro que as três Pessoas são distintas e se manifestaram simultaneamente (Mt 3.16,17).*

- 3.2.1 Arianismo. O arianismo é a crença de que o Filho, Jesus Cristo, não é eterno nem da mesma substância do Pai, sendo, antes, a primeira e mais elevada criatura produzida por Deus. Essa posição, ligada ao debate do século IV, sustenta que “houve um tempo em que ele não existia”, de modo que o Filho teria sido criado do nada (ex nihilo) pela vontade do Pai e possuiria uma substância diferente da do Pai (heteroousios). Desse ponto de vista, se o Filho é gerado, então teve um começo e, portanto, não pode ser o Deus eterno e imutável; e, em algumas versões, o próprio Espírito Santo seria entendido como criatura, subordinada ao Filho. Contra isso, as Escrituras afirmam que o Verbo “era Deus” e estava com Deus “no princípio” (Jo 1.1), o que indica coeternidade e consubstancialidade, além de declarar que “todas as coisas foram feitas por meio dele” (Jo 1.3), o que exclui o Filho do conjunto das coisas criadas. Por essa razão, a fé cristã histórica confessou o Filho como “gerado, não criado”, sendo homoousios, isto é, da mesma substância do Pai. Ademais, se Cristo fosse criatura, ele não poderia realizar a salvação em sentido pleno, pois somente Deus pode unir o homem a Deus de modo definitivo.
- 3.2.2 Modalismo (sabelianismo ou monarquianismo modalista). O modalismo ensina que Pai, Filho e Espírito Santo são apenas três modos, máscaras ou manifestações sucessivas de uma única pessoa divina, e não três Pessoas eternamente distintas. Essa concepção descreve Deus como uma mônada solitária que ora se manifesta como Pai na criação, ora como Filho na redenção, ora como Espírito na santificação, negando, assim, relações reais e eternas entre as Pessoas, como se os nomes divinos fossem apenas funções temporárias. O problema é que as Escrituras apresentam distinções claras e simultâneas: no batismo de Jesus, o Filho é batizado, o Espírito desce e o Pai fala dos céus (Mt 3.16–17), o que não se ajusta a uma única pessoa atuando em “três papéis” no mesmo instante. Além disso, Jesus ora ao Pai (Jo 17), e essa linguagem de comunhão seria vazia se Pai e Filho fossem a mesma pessoa. Em suma, o testemunho bíblico exhibe interação, amor e comunicação entre as Pessoas, o que exige distinção, ainda que inseparável quanto à essência.

- 3.2.3 O triteísmo é a crença na existência de três deuses separados, negando a unidade numérica da essência divina. Ele surge quando as três Pessoas da Trindade são tratadas como três seres autônomos e independentes, semelhantes a três indivíduos humanos que apenas compartilham uma natureza genérica comum, o que, na prática, destrói o monoteísmo bíblico ao introduzir três centros de consciência e vontade desconectados. Contra essa leitura, a Escritura afirma de modo inequívoco: “O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor” (Dt 6.4). Não há três onipotentes, mas um só Deus; e a unidade divina não é meramente unidade de propósito, mas unidade de essência indivisível. Além disso, as obras de Deus para fora de si mesmo são inseparáveis: quando Deus age na criação e na redenção, não são “três deuses cooperando”, mas o único Deus atuando de modo trinitário, o que preserva tanto a distinção pessoal quanto o monoteísmo.
- 3.2.4 Pneumatomaquismo (macedonianismo). O pneumatomaquismo é a heresia que nega a divindade e a personalidade do Espírito Santo, tratando-o como criatura ou como força impessoal. Os pneumatômacos aceitavam, em geral, a divindade do Filho, mas rebaixavam o Espírito à condição de criatura superior, anjo ou ministro de Deus, inferior ao Pai e ao Filho; em tempos modernos, há formulações semelhantes que descrevem o Espírito como “força ativa” impessoal. Contudo, as Escrituras atribuem ao Espírito títulos e prerrogativas divinas, como “Senhor” (2Co 3.18), e também lhe conferem ações pessoais, como falar, ensinar, entristecer-se e distribuir dons segundo a sua vontade (At 13.2; Ef 4.30; 1Co 12.11). Em Atos 5.3–4, mentir ao Espírito Santo é equiparado a mentir a Deus, e, além disso, o Espírito aparece na fórmula batismal em igualdade com o Pai e o Filho (Mt 28.19), o que seria impróprio e blasfemo se ele fosse mera criatura ou energia.
- 3.2.5 Adocionismo (monarquianismo dinâmico). O adocionismo é a crença de que Jesus era um ser humano comum que foi “adotado” por Deus e exaltado a um status divino, muitas vezes situando esse “momento” no batismo. Essa visão nega a preexistência eterna do Filho e afirma que Cristo seria apenas um homem sobre o qual o poder (dynamis) de Deus repousou de maneira singular, ou que ele se tornou Filho por graça e adoção, e não por natureza; em algumas versões, o Logos é reduzido a um atributo impessoal que habita no homem Jesus. Contra isso, João declara que o Verbo “era Deus” desde o princípio e “se fez carne” (Jo 1.1,14), o que não descreve um homem tornando-se o Verbo, mas o Verbo assumindo a humanidade. Do mesmo modo, Filipenses 2.6-7 ensina que Cristo existia na “forma de Deus” antes de assumir a “forma de servo”, e o próprio Jesus reivindica existência anterior a Abraão (Jo 8.58), refutando a ideia de que sua filiação divina começou no nascimento ou no batismo. Por fim, a lógica da salvação exige que o próprio Deus entre na história humana para redimir, e não apenas que um homem seja promovido a uma condição superior.

3.2.6 Unitarismo (ou socinianismo). O unitarismo é a crença de que existe apenas um Deus em uma única pessoa, isto é, um Deus unipessoal, geralmente identificado exclusivamente como o Pai. Por consequência, nega a doutrina da Trindade, rejeita a divindade plena e eterna de Jesus Cristo e também nega a personalidade distinta e divina do Espírito Santo. Assim, Jesus costuma ser reduzido a um mestre moral, a um profeta singular ou a uma criatura exaltada, enquanto o Espírito é entendido como força, poder ou influência divina, e não como Pessoa. Historicamente, embora ideias de caráter unitário apareçam em debates antigos, o unitarismo, como movimento mais organizado, ganhou força no período pós-Reforma, sobretudo entre os séculos XVI e XVIII, e foi impulsionado pelo racionalismo, especialmente no ambiente intelectual do Iluminismo. Nesse contexto, a fé cristã tradicional foi progressivamente reinterpretada à luz de pressupostos que privilegiavam o que parecia “aceitável” à razão autônoma, de modo que a doutrina trinitária passou a ser vista como excessivamente complexa ou “não necessária”, e, por isso, foi descartada. Desse modo, o unitarismo se consolidou como uma proposta alternativa ao cristianismo histórico, não apenas por negar um ponto secundário, mas por alterar o próprio núcleo da identidade de Deus revelada nas Escrituras. Do ponto de vista hermenêutico, o traço mais característico do unitarismo é a pressuposição de que o termo “Deus”, na Bíblia, deve referir-se sempre e somente ao Pai. A partir desse princípio, qualquer distinção clara entre o Pai e o Filho é interpretada como prova de que o Filho é inferior ao Pai, e não como distinção pessoal dentro da unidade da essência divina. Em termos práticos, essa regra interpretativa acaba forçando o texto bíblico a caber num molde prévio, em vez de permitir que o conjunto do testemunho bíblico defina, simultaneamente, a unidade de Deus e a distinção pessoal entre Pai, Filho e Espírito. Consequentemente, o unitarismo tende a explicar as passagens que atribuem divindade a Cristo e personalidade ao Espírito por meio de reinterpretações redutivas, deslocando-as do seu peso teológico e enfraquecendo a coerência do panorama bíblico sobre a identidade do Deus único.

## CONCLUSÃO

Aparentemente Tertuliano estava certo ao afirmar que a doutrina da Trindade deve ser divinamente revelada, não humanamente elaborada. Ela é tão absurda do ponto de vista humano que ninguém a poderia ter inventado. Nós não sustentamos a doutrina da Trindade porque ela é autoevidente ou logicamente convincente. Nós a sustentamos porque Deus revelou que é assim que ele é. Como alguém disse acerca dessa doutrina: Tente explicá-la, e perderá a cabeça; mas tente negá-la, e perderá a alma. (ERCKSON, 2015, p. 337).

**ABRA JAULA**

## REFERÊNCIAS

PAMPLONA, Pedro. **Como Deus é um e três ao mesmo tempo?** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.  
LETHAM, Robert. **A Trindade: na Escritura, história, teologia e adoração.** São Paulo: Vida Nova, 2022.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática**: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 155-197.

HORTON, Stanley M. (ed.). **Teologia sistemática**: uma perspectiva pentecostal. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996. p. 157-187.

Santo Agostinho. **A Trindade**. São Paulo: Paulus, 1994.

ERCKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015.